

O batismo no Espírito, uma experiência.

A Renovação Carismática interpreta de maneira positiva o papel da experiência no testemunho do Novo Testamento e na vida cristã. Nas comunidades do Novo Testamento, a ação do Espírito Santo foi de fato uma experiência antes de se tornar objeto de doutrina. À luz da experiência se desenvolveu a doutrina. A experiência de receber o Espírito Santo geralmente não passava despercebida nas pessoas; o Espírito era percebido e experimentado em si mesmo e nas suas manifestações externas de maneira mais ou menos imediata: "Aquele que vos confere o Espírito e opera milagres entre vós, fá-lo pela vossa prática da lei ou pela vossa obediência à fé?" (Gál 3,5).

Com o avanço da humanidade e, sobretudo, do racionalismo humanista, com suas vertentes existencialistas, a experiência religiosa passou por um tempo de descrédito, que atingiu também a religião cristã. A experiência de / da fé passa a ser vista com desconfiança, como um intimismo perigoso.

Por causa da atenção que a RCC dá à experiência da fé, ficou a impressão de que toda vida cristã se reduz ao nível experiencial. "Nesta perspectiva, o crescimento em Cristo seria como uma sucessão de experiências espirituais como uma tentativa desesperada de manter as pessoas num contínuo estado de experiências de impacto". (Orientações Teológicas e Pastorais da Renovação Carismática Católica, Loyola)

A Renovação Carismática compreende a necessidade da formação doutrinal e da obediência ao Santo Magistério como imperativos da vida cristã. Reconhece também que uma religião submissa ao "dogmatismo" que não dá espaço a uma legítima experiência de fé pode produzir um formalismo ritual e sem vida. Fundar toda a vida cristã no subjetivismo pode produzir distorções, por outro lado reduzir o cristianismo a um sistema de dogmas e ritos a serem cumpridos legalmente, produz uma religião sem vida, sem mistério, limitada a prática "da lei".

Por outro lado entende que o progresso espiritual não se identifica, de forma alguma, com uma sucessão de experiências cruciais e emocionais. Aqui, como em qualquer expressão autêntica do Evangelho, há lugar para erros e acertos. Além dos elementos de

experiência, existem muitos elementos objetivos, como: a oração comunitária, celebração litúrgica, a Sagrada Escritura, a doutrina e a disciplina da Igreja. A experiência não deve ser considerada nociva à fé. O que é dado à experiência, não é tirado da fé.

"A experiência do Espírito Santo era a marca de um cristão. Por ela os cristãos se definiam pelo menos em parte em relação aos não cristãos. Eles se consideravam representantes não de uma nova doutrina, mas sim de uma nova realidade: o Espírito Santo". (Gerhard Ebeling, citado em Orientações Teológicas e Pastorais da Renovação Carismática Católica, Loyola)

O Espírito era um fato vivo de sua experiência, que não podiam negar sem negar que eram cristãos. O Espírito se derramava sobre eles e a experiência era tanto pessoal como comunitária, constituindo uma nova realidade. Deve-se, pois, admitir que a experiência religiosa é inerente ao testemunho do Novo Testamento e omitindo-se essa dimensão na vida da Igreja, nós a empobreceríamos ao extremo.

Quando Lucas fala da percepção do Espírito, pressupõe uma experiência que envolve profecia, "sinais e prodígios", "visões e sonhos", "fogo e fumaça", pois assim ele narrou o derramamento do Espírito em Pentecostes usando, entre tantas profecias possíveis, justamente o texto de Joel, colocando-o na pregação primeira da Igreja feita por Pedro.

Procurando definir "experiência"

Em termos mais precisos, o que significa "experiência" neste contexto? Não vamos explorar aqui todo o campo da experiência religiosa onde há muito a fazer ainda. Aqui não se trata de "experiência" feita ou provocada pelo homem. A "experiência" é um conhecimento concreto e imediato de Deus que se aproxima do homem.

De acordo com Heribert Mühlen (Fé cristã renovada, Loyola) experiência é um conhecimento adquirido no contato, sendo oposto ao conhecimento intelectual, fruto de um esforço. A experiência se dá pelo contato proporcionado pelos sentidos, sendo, neste sentido, um conhecimento original (posto que este conhecimento adquirido não vem da leitura ou aprendizado, que supõe uma experiência anterior e de um outro que a descreve ou a ensina).

"Experiência de fé" é um conhecimento percebido como um fato e é o resultado de um ato de Deus. O homem se apropria desse ato de Deus num nível pessoal. Contrasta com o

conhecimento abstrato que se tem, ou se acredita ter, de Deus e de seus atributos: onipotência, onipresença, infinidade.

Ao descrever uma experiência, produz-se, em quem escuta, uma comoção que a predispõe a ter ela mesma uma experiência original (no sentido de ser só dela), embora esta comoção (desejo - coração traspassado em Atos 2,37) não seja a experiência em si, que sendo pessoal produz um conhecimento próprio, adquirido e inquestionável.

Experiência é conhecimento em nível pessoal e contém alguns elementos do não-conceitual. Esta visão não conceitual que se tem de Deus, faz parte da experiência. Maria ao falar que não "conhecia homem algum" (Lc 1,34) por certo não desconhecia como acontecia a fecundação, mas queria dizer que ela não havia experimentado esta relação que lhe daria o "conhecimento".

O termo grego "conhecer" se liga ao conceito experimentar e em algumas situações designa o relacionamento pessoal de amizade próxima com um "outro". Este conceito de "conhecer - relacionar" também é encontrado na língua hebraica onde significa "conhecer pela convivência".

Ao fazer uma oposição entre inteligência e experiência, ignoramos que o processo de reflexão possui também algo de experiencial. Também não se deve opor fé e experiência. Ao passo que o conceitual não está completamente ausente da experiência, esta é o conhecimento a nível pessoal da realidade e presença de Deus que vem ao homem. É a percepção experiencial da realidade de Deus.

Concluimos esta anotação dizendo que conhecer a Deus pela experiência que se faz dEle, significa concretamente entrar no relacionamento pessoal que Ele mesmo trava.

Neste sentido as fórmulas, liturgias, ritos, dogmas e ministérios são mediações para nos elevar a Deus e possibilitar uma experiência de fé que nos dê o conhecimento de Sua vida em nós. Daí ousamos dizer que, sem a experiência os sacramentos, ritos e liturgias são inoperantes no nível da consciência pessoal. Tomé precisou tocar para crer. Nós também precisamos "tocar" para crer, principalmente num mundo marcado pelo "imediate", onde o "virtual" se assemelha ao real.